



Uma Introdução à Vilém Flusser: Um Filósofo e Comunicólogo Brasileiro Pouco Conhecido¹

Marlson Assis de Araújo²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC- SP

Resumo:

Vilém Flusser (1920-1991), o filósofo ensaísta, judeu theco, naturalizado brasileiro, veio para o Brasil em 1940, fugindo do nazismo. No Brasil foram 32 anos de enfrentamentos e engajamentos. Nesse artigo abordamos sobre quem foi Vilém Flusser, sua “gente” e seu engajamento na cultura brasileira, as obras escritas no seu período brasileiro, o ensaio como marca registrada dos seus escritos, a sua consagração como escritor na Europa com a obra *A Filosofia da Caixa-preta*, sua participação na Bienal de São Paulo entre os anos 70 e 80 até sua morte trágica num acidente de carro, no momento de sua maior projeção internacional, como filósofo dos novos *media*. Flusser, sua vida e pensamentos instigadores devem ser resgatados pelas ciências da comunicação, que só usufruirão de sua ecologia comunicacional.

Palavras-chave:

Vilém Flusser; Cultura brasileira; Ensaio como forma; Bienal de São Paulo; Filosofia da Comunicação.

Quem foi Vilém Flusser

O filósofo-theco-judeu, *naturalizado brasileiro*,³ Vilém Flusser, importante filósofo da mídia, nasceu em Praga, antiga Thecoeslováquia em 12 de maio de 1920, no seio de uma família judaica com perfil intelectual e artístico. Seu pai chamava-se Gustav (foi professor de matemática e física na Universidade Carolíngia e deputado do parlamento pelo Partido Social Democrático) e sua mãe chamava-se Melittta (que foi cantora). Flusser tinha uma irmã, chamada Ludovika, com quem compartilhou sua infância.

Devido a invasão nazista, com a chegada de Hitler àquele país, em março de 1939, Flusser foge com a namorada, Edith Barth, primeiramente para a Inglaterra e, em agosto de 1940 continua sua fuga, desta vez para o Brasil. Para virem para o Brasil, a senhora

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Teólogo, Especialista em Comunicação e Cultura, Mestre em Ciências da Religião, Doutorando em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Pesquisador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia – CISC. Email: marlson@uol.com.br

³ *Grifo nosso.*

mãe de Edith fez contatos com um primo distante no Brasil e que os recebeu quando aqui chegaram.

“Vilém deixou sua terra natal ainda em 1939, antes de o nazismo ter conseguido levar seu terror até as últimas conseqüências. Ele foi o único de sua família que saiu da Tchecoslováquia, e foi também o único que sobreviveu. Todos os parentes de Flusser encontraram sua morte nos campos de concentração. (...) Foi a namorada Edith Barth, sua futura esposa, quem salvou sua vida. Ela conseguiu convencer Vilém a abandonar Praga junto com sua família, que tinha mais sensibilidade para prever o que ia acontecer na Europa do que a de Flusser. Eles se refugiaram primeiro na Inglaterra e, em 1940, resolveram continuar até o Brasil. Edith ainda hoje conta sobre a viagem para o Brasil no navio ameaçado pelos submarinos alemães, desviando sua rota quase ao pólo norte para evitar um choque que seria, sem dúvida, fatal, Vilém com a família de Edith conseguiram desembarcar no Brasil. Contudo, o navio foi afundado na sua volta para a Europa. No Novo Mundo os esperavam as notícias trágicas sobre a família de Flusser e muitos preconceitos do país que flertava com o nazismo” (BATLICKOVA, 2010, p. 16).

No Brasil, moraram inicialmente numa pensão durante alguns meses, na cidade do Rio de Janeiro, onde, em 15 de janeiro de 1941 Flusser casou-se com sua namorada praguense, que passou a chamar-se Edith Flusser. Esta logo engravidou da primeira filha de ambos, chamada Dinah. Em seguida, o casal foi morar em São Paulo, onde trabalhou no comércio e na pequena indústria do seu sogro, denominada IRB – Indústria Radioeletrônica do Brasil Ltda. Os primeiros anos no Brasil foram muito penosos e difíceis, o que levava Flusser a pensar em suicídio. A saída encontrada por ele não foi o suicídio, mas a filosofia. Flusser trabalhava de dia e aproveitava a noite para estudar, enquanto autodidata. Adotou a língua brasileira como segunda língua materna, suplantando a sua própria língua theca. Ele era extremamente polêmico, intelectualmente sedutor e um orador cristalino.

O *Vilém Flusser Archiv* foi fundado em 1992, pela viúva de Flusser, Edith Flusser, junto com Klaus Sander, em Haag e em Munique. O importante teórico da mídia, Siegfried Zielinski foi nomeado seu presidente em 1998. O arquivo mudou para a Universidade das Artes em Berlim, junto com seu presidente, nove anos depois. Encontram-se no arquivo em torno de 2.500 manuscritos de textos inéditos, com ensaios, livros e publicações, documentos em áudio e vídeo e extensa correspondência de Flusser, nas seguintes línguas: alemão, português, inglês e francês. A maior parte do arquivo está em português e alemão (BATLICKOVA, 2010, p. 20), obrigando os pesquisadores alemães a estudarem português e os pesquisadores brasileiros e estudarem alemão. Também



existem textos em inglês e francês. Quem quiser estudar Flusser precisa ir pra Berlim, para beber na fonte que é o seu arquivo, muito bem organizado.

Flusser estudou filosofia, mas, não concluiu o curso, devido a sua migração após a invasão dos alemães em Praga no ano de 1939. Chegando ao Brasil em 1940, dedica-se inicialmente às atividades comerciais durante 20 anos. Entre 1958 e 1959 deixa as atividades empresariais e se engaja na comunidade filosófica brasileira através do Instituto Brasileiro de Filosofia – IBF – do qual se tornou membro, embora discordasse da maneira de se fazer filosofia no Brasil.

Em sua autobiografia filosófica, *Bodenlos*, Flusser deixa explícita esta crítica, enumerando as três maneiras de filosofar. A primeira é a filosofia que se faz na academia, de especialistas e professores de filosofia e das universidades, a qual “*busca analisar disciplinadamente os textos filosóficos para lhes descobrir a mensagem*” (FLUSSER, 2007, p. 45). Flusser tinha antipatia por este estilo desde Praga, por achar que a mesma falsificava a essência da filosofia. Por isso ele se afastava dos centros de filosofia das universidades de São Paulo. Ele tinha aversão a toda forma de academicismo. O segundo modo de filosofar é o que se “faz de dentro”. É a filosofia que se faz a partir do solo no qual se habita e se está enraizado. É o filosofar engajado, militante. Neste estilo filosofar é duvidar, pois o filosofar parte do solo, avança contra ele, não para destruí-lo, mas, para enriquecê-lo. É uma filosofia que injeta esperança e por isso é um modo de filosofar autêntico. Finalmente a terceira maneira de filosofar: a filosofia que é feita “de cima” Este estilo não duvida de nada, pois, considera que não existe nada para ser duvidado; carece, como diz ele, de fundamento duvidoso, não se assume como “coisa pensante” e nem parte do solo, da realidade, do mundo da vida que necessita ser analisada e transformada. Assim, Flusser criticava a filosofia que se praticava nas universidades paulistas, onde os problemas filosóficos eram encarados como problemas enxadrísticos e os filósofos de São Paulo “não passavam de pedras no tabuleiro da filosofia” (FLUSSER, 2007, p. 45-46).

A “gente” de Flusser e seu engajamento na cultura brasileira

Destacam-se dois períodos na produção intelectual do filósofo: o período do Flusser brasileiro, e o período do Flusser europeu.

No período brasileiro ele era o autodidata que estudava sozinho, além de ser um profundo conhecedor de línguas. Escrevia ensaios, dava aulas e publicava tendo como contexto o nosso universo cultural brasileiro. Neste período, deu aulas na FAAP (onde



fundou o Curso de Comunicação Social), no ITA e na USP como professor convidado da Escola Politécnica, lecionando a disciplina de Filosofia da Ciência; também, foi colaborador, com os seus ensaios filosóficos, desde os anos 50 de periódicos paulistas e brasileiros. Escreveu para os dois maiores e principais jornais do país, *O Estado de São Paulo* (Suplemento Literário) e *Folha de São Paulo* (escrevia uma coluna diária denominada “Posto Zero”).

Foi a forma que Flusser encontrou para se engajar na cultura brasileira: tornando-se escritor (jornalista) e dando aulas (como professor universitário), como ele mesmo descreve em *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*:

“Nos últimos anos da década de 40 a gente passava, pois, a tomar o primeiro contato autêntico com a cultura brasileira. (...) A atitude com a qual a gente se aproxima de tal cultura era atitude que visava engajamento. Isto é, a gente visava aprender e compreender a cultura o mais profundamente possível, não apenas a fim de absorvê-la e assimilá-la à nossa própria, mas também a fim de agir dentro dela, pois tal atitude marca a vivência que a cultura provoca na gente” (FLUSSER, 2007, p. 67).

Assim, para Flusser, viver em contato com a cultura brasileira através deste engajamento, permitia-lhe uma visão externa da cultura à qual ele pertencia. Era-lhe necessário apreender a cultura brasileira para poder agir dentro dela. No final, já tendo retornado para a Europa, Flusser revela-se frustrado com os resultados pífios do seu engajamento, ao criticar o Jornal *O Estado de São Paulo*, no seu *Suplemento Literário*, identificando nele uma ideologia reacionária, que não representava fielmente a realidade brasileira, mas a influenciava, e o considerava a-político, no sentido de ser aberto a várias tendências, com exceção das mais extremadas.

“A experiência pela qual a gente passou no curso da tentativa de integrar-se na natureza brasileira ia colorir toda a vida futura. Explica, em parte, o engajamento infeliz nas coisas brasileiras, e, também, em parte, a atual volta para a Europa. Porque, embora a ‘realidade européia’ se tenha revelado ilusão, nunca se perdera a saudade da natureza européia. Os campos boêmios e os Alpes, as praias mediterrâneas e os bosques franceses sempre continuavam presentes como horizontes em tudo que a gente fazia. Europeizar o Brasil era a meta, e quando esta se revelou impossível, o engajamento quebrava” (FLUSSER, 2007, p. 91).

Considera, portanto, o seu engajamento nas coisas brasileiras, como infeliz, apesar de ter assumido como meta do seu engajamento, europeizar o Brasil ao mesmo tempo em que revela saudades da natureza européia.

É Gustavo Bernardo no prefácio de *Bodenlos*, autobiografia filosófica de Flusser, que explica bem o sentido da expressão “a gente” de Flusser. Ele a utiliza no lugar da expressão “eu” (1ª pessoa do singular) ou do plural “nós”. A expressão em português é coloquial, menos formal da língua com efeitos de personalização e impessoalização:

“Flusser aproveita esse duplo efeito e incorpora a expressão ao cerne mesmo do seu discurso ensaístico (...). Com “a gente” no lugar do “eu” ou do “nós”, o filósofo diz “eu” e diz ao mesmo tempo, “nós”, ou melhor, diz “toda gente”. Assim ele questiona de dentro, na forma, o “eu solar”, isto é, o “eu” centro do sistema e do universo. Em decorrência, questiona igualmente todo o *cogito* cartesiano que informa e modela o pensamento ocidental e a sua expressão” (FLUSSER, 2007, p. 14-15).

Nessa mesma autobiografia, Flusser identifica onze interlocutores com os quais travou diálogos filosóficos em terras brasileiras. Era no *terraço*, como ficou conhecido, um tipo de ágora paulistana, lugar da casa onde Flusser tinha os diálogos radicais com os amigos. Ele comenta isso na sua autobiografia como ele era provocado por seus interlocutores e como estes também o perturbavam (FLUSSER, 2007, p. 193.198). Participavam destes encontros no terraço dois núcleos, muito bem identificados por Flusser, um núcleo de jovens entre 20 e 30 anos (alunos de Flusser e amigos de seus filhos e amigos dos amigos, na sua maioria acadêmicos e filhos da burguesia), e o outro núcleo era constituído por adultos (artistas escritores, cientistas, pensadores e com esporádicos participantes de congressos ou Bienais ou eventos internacionais, denominados por Flusser de “cometas periódicos” ou “capacidades estrangeiras” que apareciam no terraço). Em relação a estes últimos, Flusser diz que “*aprendíamos com eles que o nosso próprio nível cultural nada devia ao deles, apenas nos faltava a glória que os centros de decisão lhes tinham conferido*” (FLUSSER, 2007, p. 197). Foram personalidades que o marcaram profundamente e ele mesmo intui que os teria, também, marcado.

Dos onze, sete são brasileiros natos: Milton Vargas, que era engenheiro e professor de filosofia da ciência que o introduziu nos anos 60 na Universidade, mais exatamente na Escola Politécnica de São Paulo e no Instituto Brasileiro de Filosofia; Vicente Ferreira da Silva, que Flusser considerava o melhor e talvez único filósofo brasileiro, embora divergisse dele profundamente. Suas obras completas foram publicadas em dois volumes, pelo IBF em 1994; João Guimarães Rosa, diplomata, escritor e poliglota, autor de *Grande Sertão: veredas*, 1956, e que foi membro da Academia Brasileira de Letras; Haroldo de Campos, poeta, tradutor e crítico literário. Dora Ferreira da Silva, mulher de



Vicente, poeta e tradutora; José Bueno, aristocrata da burguesia paulista e que possuía uma cultura enciclopédica; e Miguel Reale, filósofo identificado politicamente com a direita, fundador do IBF – Instituto Brasileiro de Filosofia e Reitor da USP.

Quatro interlocutores são como ele, imigrantes: o theco Alex Bloch, cujas correspondências com Fluser, *Briefe an Alex Bloch* foram publicadas em alemão, no ano 2000; o romeno Samson Flexor, que era artista plástico; o inglês Romy Fink que era judeu ortodoxo, cabalista e coreógrafo, especialista em Shakespeare; e a suíça Mira Shendel que era artista plástica de vanguarda em São Paulo (FLUSSER, 2007, p. 93-191).

As obras brasileiras de Vilém Flusser

Durante sua atuação brasileira, produziu e publicou vários livros: *Língua e Realidade* (1963), *A história do Diabo* (1965) e *Da religiosidade* (1967). A primeira versão do livro *A história do Diabo* foi elaborada em alemão por Flusser entre 1957-1958, mas sem conseguir uma editora para publicá-lo, prepara então a versão em português que foi lançada em 1965. Segundo Batlickova, as duas versões apresentam fortes divergências e considera a versão portuguesa, com forte influência do pensamento oriental, a versão mais madura. Já, *Língua e realidade* é um trabalho extremamente significativo, correspondendo à primeira fase da atuação filosófica de Flusser. Foi o primeiro livro dele publicado, logo após ser escrito. Nele, Flusser enfoca a realidade inteira constituída por realidades parciais das línguas concretas, destacando as diferenças entre os diversos grupos lingüísticos e culturais. O livro *Da religiosidade* é uma seleção de ensaios escolhidos pelo próprio Flusser, coletados das publicações feitas em diversos jornais e revistas. O tema que percorre o livro é a literatura como lugar no qual se articula o senso de realidade, sendo senso de realidade considerado por Flusser como sinônimo de religiosidade.

Outros livros da sua época brasileira são: *A Dívida* escrito entre 1963 e 1964, um tipo de complementação à *Língua e Realidade*; *Ficções Filosóficas* de 1998, uma coletânea de 29 ensaios que documentam o engajamento de Flusser na cultura brasileira e, o último livro publicado no Brasil, às vésperas de sua saída do país e que o próprio Flusser intitulou provisoriamente *Em busca do novo homem*, escrito entre os anos 1970-1971 e publicado em 1998 com o título de *Fenomenologia do Brasileiro: em busca de um novo homem*, no qual Flusser descreve a sua visão sobre a cultura brasileira, para os

brasileiros e talvez, principalmente, para os europeus. No livro o autor se mostra esperançoso com o Brasil e com os brasileiros (BATLICKOVA, 2010, p. 39-41. 119).

Flusser como ensaísta e sua consagração como escritor na Europa

O período do Flusser europeu começa a partir de 1972, fase dura da ditadura militar brasileira, ocasião em que já havia retornado para a Europa, ficando por um período, primeiro na Itália, indo morar depois em Robion, na França, viajando constantemente para conferências na Alemanha e outros países. Passa a publicar na Alemanha e é reconhecido como filósofo dos *novos media*. O livro *Para uma filosofia da fotografia* foi publicada primeiro em alemão em 1983 pela Gottingen e só depois em português, como *Filosofia da Caixa-Preta*, e foi traduzido em 17 idiomas. Foi o primeiro livro publicado na Alemanha e o primeiro que despertou interesse internacional, por apresentar a sua teoria das imagens técnicas como analogia para a análise dos mecanismos culturais.

Flusser escrevia literalmente sobre tudo, em pequenos formatos, escrevia sempre ensaisticamente, o que irritava profundamente os filósofos, sobretudo os filósofos tupiniquins, acadêmicos, escolásticos e brasileiros, que não aceitavam este jeito leve de tratar as coisas.

O ensaio é uma forma muito particular de construção do pensamento. É uma modalidade do discurso filosófico que contém atributos considerados literários, como a subjetividade do enfoque e a explicitação do sujeito que fala, ou seja, o texto ensaístico revela alguém que escreve esse ensaio. Não só o que o sujeito fala, mas suas características ao fazer o ensaio. O ensaio destaca a eloquência da linguagem e a preocupação com a expressão do enfoque. Mas, a característica mais marcante do ensaio é a sua liberdade de pensamento, no qual a concepção de escritura se manifesta como criação. Theodor Adorno assim se expressa sobre o ensaio:

“O ensaio não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas, segundo as quais, diz a formulação de Spinoza, a ordem das coisas seria o mesmo que a ordem das idéias. Como a ordem dos conceitos, uma ordem sem lacunas, não equivale ao que existe, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revela sobretudo contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável e o efêmero não seriam dignos da filosofia” (2003, p. 25).

A esse respeito o ensaio não é só comunicativo, ele também é criativo e não tem a obrigação de uma construção fechada do pensamento e muito menos de chegar a uma conclusão, podendo mesmo até terminar em dúvidas.

Por um lado, o ensaio busca dizer a verdade, busca alguma coisa de verdadeiro em busca de um objeto, pois tem um objetivo, tem um tema. O ensaio não está preocupado com o rigor matemático, lhe falta objetividade e rigor científico. Por esses motivos ele não é bem visto pelos acadêmicos que buscam excluí-lo dos campos do saber, pelo fato dele não se apresentar nem como literatura e nem como ciência. A respeito da opção flusseriana por escrever ensaios, Batlickova diz que:

“O ensaio não foi para Flusser apenas um estilo literário. O ensaio era uma postura filosófica. Ele estava convencido de que a forma de escrever influencia o conteúdo da mensagem. (...) Para Flusser, o ensaio é oposto ao estilo acadêmico: é vivo, o autor está sempre presente e exprime por si mesmo a vivência do problema sobre o qual escreve. O estilo acadêmico é impessoal, o ensaio é engajado. Assim, não é mera coincidência que, em princípio, todas as obras de Flusser, desde as mais curtas, escritas para jornais, até as obras maiores da sua época brasileira, *Língua e realidade* e *A História do diabo*, possam ser considerados ensaios. Do ponto de vista formal, ele entende o ensaio como forma híbrida entre poesia e prosa, filosofia e jornalismo, tratado e panfleto, crítica e original; realmente, a obra ensaística de Flusser consegue cumprir todos estes aspectos” (BATLICKOVA, 2010, p. 134).

O ensaio não se propõe ser um tratado, por não desejar monopolizar a verdade. O ensaio é um experimento e por adotar a forma ensaística ele se dispensa de citar. O formato científico acadêmico tem que comprovar as idéias. Fluser não tinha medo e nem preconceitos em se assumir como ensaísta. A esse respeito diz o filósofo em *Bodenlos* que:

“A gente se transformava, disciplinada e entusiasticamente, em ensaísta brasileiro. O ensaio, essa forma híbrida entre poesia e prosa, entre filosofia e jornalismo, entre aforismo e discurso, entre, tratado acadêmico e vulgarização, entre crítica e criticado, constitui um universo que é ‘habitat’ apropriado para o ‘exilado nos picos do coração’ (...). Quem tem a sua práxis, quem vive ensaísticamente (isto é, não apenas quem escreve ensaios, mas aquele para o qual a própria vida é ensaio para escrever ensaios), sabe que, a rigor, o problema do tema a ser escrito nunca se coloca. Ou, para ser exato: se coloca negativamente. No universo ensaístico, tudo é tema, e o problema é escolher entre tal embaraço de tremenda riqueza. (...) A escolha do tema se impõe pela escolha do ritmo do ensaio a ser escrito. O ritmo do ensaio clama por seu tema. Não é, portanto, o caso em que o meio é a mensagem, mas é o caso em que o meio exige a sua mensagem” (FLUSSER, 2007, p. 82-83).

Flusser não cita ninguém e às vezes até distorce as coisas, ou utiliza determinada idéia de um autor para fundamentar seu próprio pensamento, livremente fazendo sua própria interpretação e aplicação, como vemos no final da citação acima, uma tomada sábia do pensamento do filósofo e comunicólogo canadense, Marshall McLuhan, em uma de suas



idéias-chave, *o meio é a mensagem* (2007, p. 21-37). Em outra ocasião, numa célebre palestra, Flusser disse a frase de Blaise Pascal, famoso filósofo francês do século XVII, invertendo-a: “*A razão tem motivos que o coração desconhece*”.⁴ Todas as coisas que a gente escreve, que a gente diz ou afirma, será que é isto mesmo?

O ensaio é experimentação, ele não garante nada. Para Flusser, o ensaio é um pressuposto. Por isso ele conseguiu em primeiro lugar ser publicado aqui no Brasil, no Suplemento Literário do *Estado de São Paulo*, uma pequena coluna semanal. Depois as reúne para publicar como livro. Ora, retira de livros que estava escrevendo e publica no jornal, sobre diversos assuntos: sobre máscara, carnaval, cubo, sobre pele. É o primeiro a propor uma peleologia. Pele no Brasil é uma variação de Macunaíma. O que estamos vendo é a arte do *Kitsch*, como é a bola. Flusser como ensaísta atirava para todos os lados e isto tudo era publicado na mídia e causava repercussão e perturbação em seus amigos e inimigos.

Devido ao seu estilo provocador e polêmico, nas universidades ele sofria restrições. Nunca fez concursos para dar aulas, afinal ele não tinha títulos reconhecidos. De dia trabalhava na indústria de aparelhos radiofônicos, do seu sogro e à noite estudava. Como não tinha a educação formal, era fácil de ser barrado nos meios acadêmicos. Começou a ter chances, por que alguns dos seus amigos que participavam dos debates e cafés filosóficos viram que Flusser era um talento e não podia ser desperdiçado e o convidavam para dar aulas. Foi docente no ITA em São José dos Campos e depois foi convidado para dar aulas na Politécnica da Universidade de São Paulo, mas jamais nos centros de filosofia ou das comunicações. Mais tarde deu aulas na FAAP. Ministrava as disciplinas “Teorias da Comunicação” e, também, Filosofia da Ciência, como ele mesmo descreve estas experiências em *Bodenlos*, sua autobiografia filosófica (2007, p. 201-218). Gustavo Bernardo, no prefácio de *Bodenlos*, se refere à dinâmica das aulas concorridas do filósofo da dúvida e aos seus talentos extraordinários, dizendo que

“as salas em que atuava ficavam sempre lotadas, com dezenas de ouvintes e curiosos de outros cursos. É um professor tão heterodoxo quanto o escritor, não seguindo os protocolos acadêmicos nem numa situação nem na outra, o que incomodava, sobremaneira os colegas. De cultura vastíssima, memória

⁴ A frase original de Blaise Pascal (1623-1662) é: “*O coração tem razões que a razão desconhece. Sabe-se disso em mil coisas*” (Pascal. *Pensamentos*, 199. Louis LAFUMA. *Pensamentos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001), na sua disputa filosófica com René Descartes do “*Penso, logo existo*”, para saber quem saía na frente na busca da compreensão da verdade e da realidade, se a emoção ou o raciocínio, se o coração ou a razão. Descartes defendia o racionalismo e a especulação lógica aplicados às ciências. Pascal criticava Descartes por este ter exagerado no fator intelectual e na importância da razão, negligenciando completamente o fator afetivo, a contribuição do coração. Para Pascal não se conhece a verdade apenas pela razão, mas também pelo coração.

espantosa e oratória brilhante, provocava e espantava os alunos, mostrando-lhes um mundo onde a dúvida reinava” (FLUSSER, 2007, p. 13).

Flusser tinha bem nítida sua meta: provocar inquietação nos seus alunos, provocar subversão intelectual em seu torno; importava-lhe provocar dúvidas (Idem, p. 204). Era um conferencista muito convidado e atuou como professor até 1972, quando deixou o país.

Existem vários Flussers: há um Flusser alemão, um Flusser brasileiro, há um Flusser judeu. Ele é um nômade. Sendo alemão, nasceu em Praga, fazia parte dos judeus, a maioria judaica que falava o alemão. Sua língua materna era o alemão. Franz Kafka⁵ também era judeu, mas escrevia em alemão.

A figura do ensaio percorre toda a biografia de Flusser. Em sua obra percebe-se um Flusser filósofo. Ele bateu na porta da filosofia e ninguém abriu para ele, pois era considerado um iconoclasta. Em seus escritos só citava alemães, não citava franceses. A USP era toda francesa. Professores franceses vinham dar aulas na universidade de São Paulo. Os filósofos brasileiros não gostavam dele, porque ele só trabalhava autores alemães e de forma ensaística.

A participação inconclusa de Flusser na Bienal de São Paulo

Bateu também no mundo das artes, onde também conseguiu fazer-se odiado, através de suas participações nas Bienais de São Paulo (criadas a partir de 1951 pelo magnata e colecionador Francisco Matarazzo Sobrinho -1898-1977), no momento de sua transição entre Brasil e Europa. É neste contexto que ele dá suas contribuições filosóficas para a arte, sobretudo para as artes visuais ao fazer uma proposta radical para a Bienal de São Paulo. Suas aproximações da Bienal de São Paulo começaram através de seus artigos filosóficos publicados na imprensa (jornal *O Estado de São Paulo*, no *Suplemento Literário*) com temas sobre a Bienal. Até que foi finalmente convidado para integrar a comissão que iria organizar um dos principais núcleos expositivos da 12ª edição, no ano de 1973. O envolvimento de Flusser com a Bienal de São Paulo revela mais um dos seus esforços de engajamento na cultura brasileira. Assim ele se refere à Bienal:

“A Bienal de São Paulo é um fato. Como todo fato, ela é obstinada. E como todo fato, ela é ameaçada tanto na sua permanência como no seu significado. Ela é um fato importante. Não se pode compreender São Paulo sem considerá-la. A importância do fato exige que seja criticado” (MENDES, 2008).

⁵ Judeu nascido em Praga a 3 de julho de 1883 e morreu em Klosterneuburg a 3 de junho de 1924. Foi Romancista, novelista e contista austríaco. Um dos mais admirados e traduzidos intelectuais da literatura mundial. Sua obra teve profunda influência sobre movimentos artísticos como o surrealismo, o existencialismo e o teatro do absurdo.



Flusser se preocupava com os rumos da Bienal, pois, segundo ele, ela estava ameaçada tanto na sua permanência quanto no seu significado e por isso ele a critica e propõe reformulações na sua lógica, na sua organização e na sua participação. Flusser não considerava a crise da Bienal como crise da arte, mas como crise da mediação das artes. Para ele a Bienal deveria ser uma plataforma dialógica envolvendo a todos os que estivessem a ela ligados, como artistas, críticos de arte, teóricos, especialistas em comunicação e consumidores (público). Não desejava que o consumidor, ou público, se comportasse como mero receptor das mensagens. Ele envolveu-se nesse projeto de reformulação da Bienal por mais de duas décadas entre os anos 70 e 80. Queria com isso, integrar o Brasil na cena internacional, transformando a “periferia” em modelo para o mundo.

“Mais do que uma grande feira internacional de artes, a Bienal de São Paulo poderia se transformar num fórum cultural com implicações mais profundas na vida de todos que dela se aproximassem. (...) Ao final de 1972, depois de muitas cartas e telegramas enviados e das muitas promessas abandonadas pela presidência da Fundação, Flusser se desliga definitivamente de suas funções. Suas idéias foram apenas parcialmente integradas no ‘Laboratório de Comunicações’, um dos ‘núcleos’ expositivos da 12ª Bienal Internacional de São Paulo, inaugurada em 1973. (...) Mas, apesar de todas as tentativas encaminhadas às várias presidências e curadorias que passaram pela organização da Bienal, nenhuma alteração substancial proposta pelo filósofo chegou a ser incorporada ao programa dessa grande mostra, mesmo tendo a sorte de contar com o entusiasmo de um intelectual como Vilém Flusser, empenhado em oferecer uma alternativa cultural, que se irradiasse do parque do Ibirapuera para o mundo (...)” (RAMIRO, 2008).

Ele só retornará à Bienal em 1981, só que como conferencista. Ele se preocupou, se envolveu, se dedicou na transformação da Bienal, mas não foi levado à sério, pois as instituições o barraram. O filósofo era contra o discurso autoritário, era favorável ao diálogo, à alteridade que é mais enriquecedora. Esbarrou nas instituições (fundação, críticos de arte, curadores, artistas) que são fechadas e não promovem o diálogo. O que restou para Flusser era falar sobre coisas que já existiam e que ninguém havia falado sobre elas. O mundo da comunicação tecnológica. Flusser escreveu sobre isto desde muito cedo. Era e é a filosofia, mas também era uma teoria da comunicação, que não tem nada a ver com as teorias da comunicação da época. Ele começou a escrever outra teoria da comunicação.

Balanço disso: Flusser, após 32 anos de Brasil, parte para um segundo exílio. Vários fatores contribuíram para isto. A ditadura militar estava nos seus anos mais sangrentos,



por volta de 1973-1974. Flusser havia estudado marxismo, sabia marxismo na sua juventude. Ele participava de um grupo, o Instituto Brasileiro de Filosofia - I.B.F., fundado em 1949 por Miguel Reale. O filósofo e jurista, Miguel Reale e seu grupo, não apoiavam a ditadura, mas também não tinham nenhuma militância ligada a grupos de esquerda. O filósofo brasileiro, Vicente Ferreira da Silva⁶ foi uma figura muito importante para Flusser. Estudou com o filósofo alemão Martin Heidegger. Era um Heideggeriano. Vicente era muito amigo de Flusser e morreu precocemente num acidente de carro em julho de 1963. As discussões sobre filosofia entre este grupo nos anos 50-60 eram muito intensas. O mundo inteiro estava preocupado com as máquinas de pensar. A Cibernética, o cérebro eletrônico, esta nova realidade que estava surgindo, era pensada através de um forte viés filosófico.

Estamos lidando com a seara dos malditos. Flusser foi o único que saiu desta seara dos malditos. Mas por quê? Porque saiu do Brasil pela segunda vez, indo para a Europa e foi lá que ele se consagrou. Grande parte de sua obra está publicada em Alemão. Escrevia em Alemão e ao mesmo tempo traduzia para o Português. Grande parte ainda está em alemão. Durante 20 anos ele recebeu “nãos” das editoras alemãs. Quando estourou nos anos 70 na Alemanha com a “Filosofia da Caixa Preta”, um livro sobre a filosofia das novas tecnologias, e não sobre a fotografia. Hoje, Flusser é um *Bestseller*.

A teoria da Comunicação de Flusser, último livro em alemão, “*Continuar pensando a comunicologia*” saiu em 2009. Flusser continua gerando grande interesse. Logo depois que ele morreu, entrou em moda nos anos 80-90. Depois caiu e voltou com força no final dos anos 90.

“Morremos sozinhos e sobrevivemos nas conversações dos outros”

Flusser ficou em São Paulo até 1973 onde sempre viveu como uma figura marginal. Nesse mesmo ano muda para a Itália e passa a ser convidado para palestras, sobretudo na Alemanha, país que publicou os primeiros livros dele. Após uma Conferência no Instituto Goethe, em Praga, (conferência emocionante, pois ele sem perceber, troca de língua e fala em português, sendo necessário que Edith lhe avise sobre a troca de língua, o que estava deixando a platéia atônita), para onde havia retornado pela primeira vez após a guerra, em 27 de novembro de 1991, morre em um acidente de carro, enquanto

⁶ Não existe nenhum brasileiro estudando Vicente Ferreira da Silva. Nasceu em São Paulo em 1916 e morreu prematuramente aos 47 anos de acidente trágico de automóvel na mesma cidade em 1963. Miguel Reale o considerava a maior vocação metafísica do Brasil.

viajava com sua mulher para ir a um oculista na Alemanha. Edith, assim conta os últimos minutos da vida de Flusser, em entrevista a uma rádio alemã:

Meu marido estava tão alegre. Até tarde, até umas quatro horas da madrugada, ele estava muito animado, e no dia seguinte ele devia ir num oculista na Alemanha. Nos apressamos muito, muitíssimo! Dormimos pouco, pouquíssimo, duas ou três horas, e eu tinha tanta pressa, porque eu sabia que não podia andar tão rápido até lá, é longe demais.

Partimos bem cedo. Ele disse: vai, fica na cama, ficamos na cama um pouco. Mas eu sabia que não ia alcançar esse oculista se ficássemos deitados na cama. Saímos da estrada principal e entramos naquele *Bor* – ‘*Bor*’ quer dizer ‘bosque’ em theco. Ai eu dormi e bati contra um caminhão que estava parado lá. Mas não sabia o que aconteceu. Dei uma risada até, depois que aconteceu. Eu disse, olhe que besteira que estou fazendo, não sabia que era tamanha catástrofe, não entendia. Era uma saída da estrada principal para um caminho florestal, porque aquela estrada estava tão cheia de caminhões e cheia de caminhões terríveis. Por isso dissemos, vamos deixar a estrada e atravessamos o bosque. Foi isso que fizemos. E lá estava parado um caminhão no meio do caminho, um caminhão branco, vejo uma parede branca, isso era o caminhão. E eu pensava que era um caminhão iluminado. Do sol. E atrás de mim se levantou o sol. Eram talvez as cinco da manhã, não sei. E aquilo era a parede do caminhão” (FINGER in: BERNARDO, FINGER, GULDIN, 2008, p. 31-32).

Vilém Flusser foi sepultado no cemitério judaico de Praga e sua lápide apresenta a seguinte inscrição em Português: “*Não morreremos conjugados. ‘Nós’ nunca morreremos, porque apenas eu e tu, a solidão é para a morte*”, significando que, morremos sozinhos, mas sobrevivemos nas conversações dos vivos (GULDIN In: BERNARDO, FINGER, GULDIN, 2008, p. 81).

Na lápide também está inscrito ao lado do nome de Flusser, o nome da viúva Edith Flusser e sua data de nascimento, 27 de julho de 1920. Em todo lugar Flusser se apresentava como brasileiro. Na década de 50 ele naturalizou-se brasileiro. Flusser e Edith tiveram três filhos: Miguel, Victor e Dinah; Edith Flusser vive hoje em Nova York, Estados Unidos com sua filha Dinah e seu neto Benjamin.

Considerações finais

A comunicologia flusseriana, presente em suas obras, é profundamente marcada pela sua experiência brasileira. Flusser chegou ao Brasil com 20 anos e ao retornar para a Europa estava com 52. Foram 32 anos de vivência e de engajamento no Brasil. É um tempo de sua vida que não pode ser desprezado por todos os pesquisadores que o estudam. É o que muito bem enfatiza a filósofa e pesquisadora da obra brasileira de Flusser:



“Trata-se de um longo período de formação e de amadurecimento de seu pensamento, período que não deveria ser mais omitido e que merece atenção de todos os que tentam entender a complexa obra e a personalidade de Vilém Flusser” (BATLICKOVA, 2010, p. 13).

Lendo a *Filosofia da Caixa-preta* e as demais obras desse filósofo naturalizado brasileiro, concluímos que a filosofia flusseriana é uma das teorias que mais nos diz hoje o que é a comunicação. Flusser faz alusão à arte como caminho para subverter o programa da *caixa-preta*, para branquear a *caixa-preta*. Arte como espaço de criação de artifícios para essa subversão. Os grandes artistas são aqueles que conseguem subverter o programa do aparelho. São os técnicos-artistas os verdadeiros revolucionários da sociedade telemática; são eles que conseguem entrar no programa e injetar no aparelho os interesses humanos, são eles que conseguirão politizar o programa. Todos somos estes técnicos-artistas e somos nós que temos a capacidade de subverter a ordem do aparelho, libertando-nos da condição de meros funcionários, na qual fomos aprisionados.

Referências bibliográficas:

ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

BATLICKOVA, Eva. *A época brasileira de Vilém Flusser*. São Paulo: Annablume, 2010.

BERNARDO, Gustavo; FINGER, Anke; GULDIN, Rainer. *Vilém Flusser: uma introdução*. São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, Vilém. *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

_____. *A Dúvida*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. *A história do diabo*. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. *Kommunikologie*. Frankfurt/Main: Fischer, 1997



_____. *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

_____. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Demará, 2002.

_____. *Língua e realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

MENDES, R.. *Bienal de São Paulo 1973 – Flusser como curador: uma experiência inconclusa*. Revista Ghrebh, América do Norte, 1, mai. 2008. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/revista/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=view&path%5B%5D=11&path%5B%5D=11>. Acesso em: 27 Mai. 2011.

RAMIRO, Mário. *Salto para um mundo cheio de deuses*. Revista Ghrebh, América do Norte, 1, mai. 2008. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/revista/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=view&path%5B%5D=15&path%5B%5D=18>. Acesso em: 27 Mai. 2011.